



Batalha de Navarino

I

Navarino, que os gregos chamam *Neocastro*, é uma pequena cidade e fortaleza da Moréa, na costa do sul da bahia do mesmo nome.

Na primeira metade do seculo que vae correndo tornou-se celebre aquella bahia pela batalha naval, ali pelejada, no dia 20 de outubro de 1827, entre as esquadras alliadas da Inglaterra, França e Russia, de um lado, e a esquadra turco-egypcia, do outro, ancoradas na mesma bahia.

Os inglezes tinham 3 náos de linha, e 4 fragatas; os francezes, 3 náos de linha, e 2 fragatas; os russos, 4 náos de linha e 4 fragatas.

Os ottomanos tinham 3 náos de linha, e 25 fragatas, afóra navios mais pequenos.

A esquadra ingleza era commandada pelo almirante sir Ed. Codrington; a franceza, pelo almirante de Rigny, a Russa, pelo almirante Hyden; a esquadra turco-egypcia, por Tahir-Pacha.

O almirante inglez, sir Ed Codrington, foi quem tomou o commando da esquadra combinada da Inglaterra, França, e Russia.

A batalha naval de Navarino durou tres horas e meia. A resistencia da esquadra ottomana foi vehemente; mas no cabo a victoria decidio-se pelas esquadras combinadas, com a derrota completa da turco-egypcia. Perdeu esta ultima tres náos de linha, quatro fragatas, e quarenta ou

cincoenta navios menores: o restante da mesma esquadra rendeu-se pela maior parte aos vencedores.

II

As tres grandes potencias, Inglaterra, França e Russia tinham entabulado negociações com a Turquia sobre a pacificação da Grecia. Por uma convenção celebrada em Londres obrigam-se, afinal, ao verem a inutilidade das negociações, a exigir que os gregos tenham auctoridades por elles escolhidas, e paguem ao Sultão um tributo annual, deixando os tureos a Grecia, mediante a conveniente indemnisação. Por um artigo secreto resolvem as mesmas tres potencias recorrer aos meios da forza, no caso de recusar o governo turco acceder áquellas propostas.

Ibrahim-Pacha occupava a Moréa. As tres potencias tinham negociado com elle um armistício, no decurso do qual esperavam levar a bom termo as negociações em que estavam empenhadas. Ibrahim-Pacha, a quem seu pae, o famoso Mehemet Ali, enviára oitenta e duas velas, fiando-se na forza de terra e mar, quebrou o armistício, percorren a Moréa, e levou a toda a parte a devastação. Os almirantes das tres potencias chamaram Ibrahim-Pacha ao cumprimento de suas promessas; mas o orgulhoso general devolveu-lhes a carta, sem a ler. Foi então que os tres almirantes resolveram empregar a forza,

acommettendo a esquadra turco-egyptia fundeada na bahia de Navarino; effectuando-se a batalha naval, de que havemos dado conta.

III

De uma singularidade tomei nota no anno de 1828, que aqui devo apontar.

O discurso do throno, por occasião da abertura do parlamento inglez em 29 de janeiro d'aquelle anno, caracterisou de *acontecimento funesto* (*unforward event*) a batalha naval de Navarino; ao passo que o discurso do throno de França lhe deu a qualificação de *glorioso* (*glorieux*.)

A explicação d'este facto consiste em que o governo inglez encarou a derrota das forças da Turquia, como sendo um triumpho para a ambição da Russia — incessantemente cobiçosa da posse de Constantinopla.

É, certo, porém, que mais generosamente se nos apresenta a qualificação dada em França á victoria alcançada sobre a Turquia nas agoas de Navarino, pois que, por fim de contas, produziu o grandioso resultado da emancipação da Grecia, fortalecido pela expedição franceza á Moréa.

IV

Rasão teve M. Villemain, quando no anno de 1858, ao commemorar uma bella poesia de Herrera, qualificou a batalha de Navarino de — *Jornada de Lepanto do seculo XIX.* —

A batalha naval de Lepanto, pelejada sob o commando de D João d'Austria, no dia 7 de outubro de 1571, enfraqueceu consideravelmente a Turquia, e salvou a Italia de uma invasão assoladora.

Se a batalha de Navarino teve mais limitado alcance, em seus resultados, do que a de Lepanto, — nem por isso deixou de ser muito prestavel á causa da civilisação, embora concorresse apenas para abrir caminho á constituição independente de um só povo... Mas esse povo é descendente de outro que na antiguidade representou o papel mais glorioso:

*Ó vós também, ó terras excellentes
Nos costumes, engenhos e ousadia,
Que creastes os peitos eloquentes,
E os juizos de alta phantasia
Com que tu, clara Grecia, o Céu penetras
E não menos por armas, que por letras;*

como tão imaginosamente se exprimio o immortal Camões, em um dos cantos dos «Lusiadas.»

Saudemos pois como uma recordação grata a memoravel batalha naval de Navarino.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

OS ANNOS DA MINHA AVÓ

(Continuado de pag. 125)

VI

Confidencias

«MEU AMIGO. — Ha momentos na vida em que o coração estalaria de prazer ou de dôr, se não pudesse partilhar o excesso do sentimento, que lhe transborda, com o espirito de um provado amigo. É que só os extremos da amisade não attingem jámais estas exageradas tensões, de que a confidencia é como uma valvula de segurança. Os paroxismos do amor são communicativos, quer

seja nos extasis de indizivel jubilo, quer nas angustias de mortal desalento. Attende-me, pois, já que a tua boa amisade me é segura garantia da tua paciencia.

«AMO! Oh! como é bom dizer esta palavra! Como faz bem ao coração confessar este peccado sublime!

«CREIO! E esta segunda virtude da alma enamorada, rejuvenesce-me o espirito crestado por tantos annos de apathia de todas as faculdades affectivas!

«ESPERO! E tu comprehendes bem toda a magia d'esta palavra feiticcia, que constitue a terceira das grandes columnas, onde se ergue a verdadeira felicidade do homem.

«Olha! tenho tantas vezes repetido aquella quadra de E. Vidal:

•Amor é tudo quanto ha bom na terra,
•Tudo que é santo se resume aqui;
•Rebentam lyrios na escarpada serra,
•Florescem prados quando o amor sorri!»

tenho tantas vezes dito como elle:

•Amor... e os éccos vão dizendo amor!»

«Eu, que era serra escarpada, só revestida de urses seccas aqui e além, eu, que era prado sem vida e sem verdor, senti sob o influxo d'este magico poderio rebentaram lyrios de sentimento na minha alma, floresceram-me os prados da phantasia em tapetes vecejantes de poesia e de amor! O orvalho do céu já rocía a ardencia que me escaldava o peito, e eu, sepulchro ambulante de affeições extinctas, abro ao sol esplendido da felicidade as portas do tabernaculo de affeições renascidas que se me alberga no coração.

«Vejo os horisontes da vida cor de rosa; na atmosphera pairam risos e hymnos, e até ousou acreditar que Deus fez novas origens de ventura para mim só.

«Lastimo ás vezes, com a mais ingenua singeleza, que as velhas ficções da arcadia tombassem miserrimamente na voragem do olvido, porque aquellas choreas de nymphas e hamadryadas por entre as verduras dos bosques ou junto ao frescor de arrosios cristallinos, aquelles bandos de alados cupidinhos volitando nos ares; aquellas pastorinhas e zagaes tão innocentes como os alvos cordeirinhos dos seus rebanhos, todas aquellas doces phantasias de uma poesia assucarada, mas sentimental, se casavam bem com o delirio manso do meu espirito.

«Sinto-me poeta cá no intimo, mas poeta deslocado na quadra em que vivemos. Aquelles versos varonis de Victor Hugo aterram-me as crenças suaves da affeição: ali os impetos do talento suffocam as flebeis modulações do sentimentalismo; aquillo é sentir com a cabeça... e eu apenas sinto com o coração. Queria-me em plena quadra dos Millevoye, dos André Chenier, porque me borbulham cá no intimo aquellas arrebicadas metaphoras de toda a mythologia dos Apollos, das nove irmãs, das Venus e das tres Graças.

«Nascem-me ás vezes tentações de me chrismar como Dirceu, para immortalisar a minha Mari- lia.

«Não te é difficil acreditar, meu amigo, em vista do delirio, com que tenho deixado correr a penna ao sabor caprichoso das brisas que me

balouçam no cerebro as flores da imaginação; não te é decerto difficil acreditar que o amor é uma morbidez do espirito, que affecta sempre a transparencia do intellecto; e que o Tasso, tendo por capitolio o hospital dos doidos, sanctificava para todos os amadores o asylo da loucura, como Christo na sua gloriosa paixão nobilitava a cruz infamante, que apoz elle, as gerações circumdaram da aureola divina de emblema da redempção.

«Se eu tivera hoje novamente os meus quatorze annos, aquelles ditosos quatorze annos, cujo viço eu malbaratei em excursões arriscadas a um monte de S. Bernardo, coberto de neves eternas, a que convencionalmente se havia dado o nome de coração de mulher, se eu houvesse de novo volvido aos primeiros annos da adolescencia, teria justificado completamente esta loucura que se me assenhoreou do espirito, é que eu, na inexoravel madureza dos meus trinta annos, avalio melhor do que estranhos julgadores, sem ter comtudo coragem bastante para me furtar á sua omnipotente dominação.

«É a implacavel attracção do abysmo, que leva a placida corrente a precipitar-se de continuo no vortice de medonhos fragedos, onde se converte em ruidosa e espumante catadupa.

«Soffro-lhe a influção a este fascinar da luz para a borboleta, contente, resignado, orgulhoso do holocausto do meu bom senso, como os penitentes que se exhibem em ostentosa procissão, mostrando á turba escarnecedora, os ridiculos ferimentos das disciplinas com que se penitenciam.

«Que me importam as censuras do mundo, se elle é... *une imbecil*, como no seu orgulhoso desdem, lhe chama, o sentimental e mavioso filho das Hespanhas?

«Tu, que és um espirito tolerantissimo para todas as convicções alheias, que não tens o fel do escarneo para os que julgas ridiculos, has de me absolver a mim, que venho perante o tribunal da tua amisade dizer com orgulho o *peccavi*, sem tenção sequer de repetir o *poenitet me*. A sociedade que me stygmatisa se quizer, mas decerto que não encontrarei quem me atire a primeira pedra, se para tal fór mister tanta pureza como a que o Christo exigia nos accusadores da Samaritana.

«Se esta sobreexcitação moral se protraísse por muitos dias, bem sei eu sobre quem se haviam de cerrar para sempre as portas do hospicio Rilhafolles. O amor é um alimento tão forte para o cerebro, que não póde por longo tempo actuar n'elle. O amor ou morre, ou mata. Não sabe contemporisar com a razão, senão quando convertido n'esse outro sentimento bastardo e hybridado, a que só por convenção se póde chamar amor.

«Bem vês que conheço bem o meu estado, que avalio como merecem os symptomas psicologicos da minha enfermidade e que lavro com mão segura o meu prognostico.

«Se isto é loucura, é d'aquellas talvez a que os alienistas cognominam mania racionante. Eu sei!

«A febre alimenta, diz o povo, em despeito da sciencia que diz que ella consome. N'estas febres moraes, meu amigo, creio que sciencia e povo tem simultaneamente razão, e eu deixo consumir-me deliciado como os fumadores de haschisch.

«N'esta faculdade de crear deleitosas phantasias não ganham ao amor as apregoadas virtudes do canhamo indico. Quantas vezes me tenho visto transportado aos pristinos tempos da cavalleria, a jogar lançadas com imaginarios rivaes, a colher laureis em vistosos torneios, a proclamar a incomparavel belleza da minha dama, pela voz do arauto, aos quatro ventos da terra! Como eram grandes aquellas épocas do amor provado á ponta de espada nas licas de recreação ou nos combates da Palestina! E quando de entre todo este evocar de velhissimas tradições me surge na imaginação o vulto esguio de D. Quixote, cobrindo a cabeça com o celebre elmo de Mambrino, quando a perenne gargalhada de tantas gerações vem verberar com o implacavel ridiculo d'aquelle vulto immorredouro todos os meus sonhos de febril enthusiasmo, sinto enregelar-se-me a alma e alevantar-se-me no coração um grito de maldição para Miguel de Cervantes.

«Vejo-me então volvido á actualidade. Penso n'um cavalleiro andante, a viajar commodamente n'um wagon de primeira classe; e com o fumo do vapor e o silvo da locomotiva lembro a espingarda de agulha ou Chassepot, vomitando mil mortes por segundo, vejo os vistosos *chalets* ou ostentosas habitações urbanas onde se escondem as beldades de hoje, recordo o codigo penal, cavalleiro sufficiente para punir aggravos, e defender opprimidos, e sinto com lastima fugirem em debandada do campo visual da imaginação todos os rocinantes e Sancho-pansas, todas as lanças invenciveis e invenciveis broqueis, todos os castellos roqueiros dos senhorios feudaes, e todas as pobres damas captivas e opprimidas que os habitavam, para gloria e occupação da cavalleria.

«Então d'entre a atmospheria de prosa, em que o seculo actual mergulhou o amor, erguem-se como conforto algumas melodias do lyrismo da poesia de hoje, e repito com E. Vidal:

«Amor é tudo quanto ha bom na terra,
•Tudo o que é santo se resume aqui;
«Rebentam lyrios na escarpada serra,
•Florescem prados quando o amor sorri!

«Teu sempre e para sempre amigo — ERNESTO.
(Continua) C. B.

O MUITO QUE TEMOS ANDADO, EM MATERIA DE LEGISLAÇÃO SOBRE TRIBUTOS

E pur si muove.

Na ultima metade do século passado brilhou grandemente em Portugal o insigne jurisconsulto Paschoal José de Mello Freire, que pela primeira vez *reduzio a um systema scientifico, breve e intelligivel* a legislação pátria, como bem disse o sábio Stockler, no *Elogio Historico* recitado na Academia Real das Sciencias em 1799, anno immediato áquelle em que fallecêra o mesmo jurisconsulto.

Não é das famosas *Instituições de Direito Civil e Criminal Lusitano*, que agora heide fallar; mas sim de outro trabalho de Paschoal José de Mello, relativo a tributos, — trabalho, que vae fornecer-me occasião de apontar os consideraveis progressos que temos feito no importantissimo e sobremaneira melindroso assumpto dos tributos,

a que os povos estão sujeitos para custear as despesas do Estado.

Fôra Paschoal José de Mello encarregado de *compilar e pôr em melhor ordem a Ordenação do Livro 2.º*, que se occupa da jurisdicção e direitos Reaes. Em desempenho d'essa incumbencia, que lhe fôra commettida pela rainha, a sr.ª D. Maria I. organisou Mello um trabalho, com o titulo de *Codigo do Direito Publico de Portugal*.

Precisamente n'este *Codigo* encontro um *Titulo*, o XXXIX, que se inserve: *Dos Impostos e Tributos*; e ali leio esta doutrina, ou fórmula dispositiva.

= A nós (*Imperante; Soberano; Rei; Rainha*), a nós sómente pertence o direito de impôr todo o genero de tributos novos, e de conservar, diminuir ou augmentar os antigos, segundo a exigencia da causa pública, entendida pelo nosso Real arbitrio, sem necessidade de Concurso, ou dependencia dos nossos vassallos, assim ecclesiasticos, como seculares, e das Camaras das cidades e villas de nossos reinos. =

Nada mais claro do que este enunciado; nem a menor dúvida fica de que era da intenção do novo legislador conceder ao soberano a omnipotencia tributária, e arredar formalmente o concurso dos povos — em um assumpto que tão de perto lhes toca!

Não me farei cargo de estranhar, que o novo legislador riscasse com um traço de penna a opinião geral que D. Francisco Manoel de Mello, na segunda metade do século XVII, formulava de um modo tão conceituoso e substancial: *Segundo os antigos fóros não podem os Principes impôr novo tributo, antes que em Côrtes seja communicado, pedido, e concedido.* (1)

O meu intento, n'este artigo, é unicamente assignalar a grande e quasi incommensuravel distancia, que sepára o nosso direito público constitucional — da repugnantissima theoria que Paschoal José de Mello Freire assentava no seu *Codigo de Direito Publico de Portugal*.

Não decorreu ainda um seculo, desde que foi escripta aquella *heresia*, deixem-nos dizer assim; e contudo, parece que remonta ella ao reinado de alguns ominosos Cesares do antigo imperio romano, — quando a comparamos com as disposições razoaveis, e dignas de um povo livre, que vamos transcrever da Constituição Política d'este reino.

Escutae o que vos parece hoje tão trivial, — e dareis valor a disposições, para as quaes olhamos com indifferença, quando aliás devem ser a toda a hora abençoadas pela nossa gratidão:

= Art. 12.º Os impostos são votados annualmente; as leis que se estabelecem obrigam sómente por um anno.

§ 1.º As sommas votadas para qualquer despesa pública não pôdem ser applicadas para outros fins senão por uma lei especial que auctore a transferencia.

§ 2.º A administração e arrecadação dos rendimentos do Estado pertence ao Thesouro Público, salvo nos casos exceptuados pela Lei.

§ 3.º Haverá um Tribunal de Contas, cuja organização e attribuições serão reguladas pela Lei.

(1) Vêja no volume antecedente, d'este semanario, uma série de artigos que ali publicámos com o titulo de: *As Côrtes Portuguezas antigas*.

= Art. 13.º Nos primeiros quinze dias depois de constituida a Camara dos Deputados, o Governo lhe apresentará o orçamento da receita e despesa do anno seguinte; e no primeiro mez, contado da mesma data, a conta da gerencia do anno findo, e a conta do exercicio annual ultimamente encerrado na fórmula da Lei. (2)

As contribuições e impostos directos e indirectos e os demais rendimentos do Estado, annualmente votados pelos povos representados em Côrtes, sómente pôdem ser cobrados em virtude de Lei decretada pelas mesmas Côrtes, e não pôdem ser desviados da sua devída applicação, — sob pena de serem processados como réos do crime de peculato e concussão os ministros que o contrario fizérem. — Afóra as contribuições municipaes, as congruas dos parochos e as dos coadjutores, e as contribuições locaes legalmente authorisadas, — são prohibidas todas as contribuições públicas, de qualquer titulo ou denominação que sejam além d'aquellas que a Lei de receita e despesa auctoris a annualmente. (3)

— O notavel contraste entre as theorias de Paschoal José de Mello (4), que acima registámos, e as disposições da Lei Constitucional que hoje nos rége, valia bem a pena de ser assignalado; e será esta recordação um incentivo para darmos apreço á excellencia do regimen moderno d'este paiz.

Se, porém, quizermos que sejam fecundos em bons resultados os novos princípios, é indispensavel que os representantes da nação se esforcem por tornar suave, quanto cáiba no possivel, o sacrificio da porção de rendimento — com que houver de contribuir cada cidadão para as despesas da comunidade.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

UMA ÉPOCA FLORESCENTE DE ROMA

Fôra inutil precisar o tempo em que brilharam entre os romanos esses distinctos genios que n'uma época, apenas com alguma differença na idade uns de outros, illustraram a republica do Lacio.

Quem, amante da historia e da litteratura, ignora o tempo em que floresceram Hortensio, o orador; Cicero, orador muito mais celebre que Hortensio; Crasso; Catão, o modelo da virtude e do patriotismo; Sulpicio, um pouco menos conhecido que os precedentes?

Em seguida Bruto, Calvo e Cesar cujo talento foi o que mais se approximou de Cicero.

Sómente lhe foi um pouco inferior em eloquencia, porque mais lhe faltava o tempo que o talento para cultivar esta arte com successo; mas se lhe foi inferior no talento, foi-lhe superior em coragem e talentos militares.

Depois d'estes e como seus discipulos, appareceram Corvino, Asino Pollião, e Salustio, rival de Thucydides.

E effectivamente, o historiador grego não é muito mais rapido nem muito mais conciso — que o romano sempre claro e attrahente.

Finalmente, appareceram Varrão, muito mais

(2) *Acto Adicional á Carta Constitucional da Monarchia*.

(3) Vêja, por exemplo, a *Carta de Lei de 19 de 1866*.

(4) Vêja *O novo Codigo do Direito Publico de Portugal, com as provas, compilado pelo desembargador Paschoal José de Mello Freire dos Reis...* Coimbra, 1844.

sabio que os seus concidadãos de todos os tempos; Lucrecio, poeta muito mais forte e energico do que puro e elegante; Catullo, que, no seu genero, não cede a nenhum outro.

Quanto mais fecunda em grandes homens não foi Roma comparativamente com a famosa Grecia, ella que nesta gloria queria merecer a palma sobre todas as outras nações!

Tão numerosos foram os Homens de espirito eminente que nasceram no solo d'esta cidade dos Cesares que parece temeridade pretender contal-os!

Neste seculo em que a natureza se mostrou prodigamente fecunda, mais que o fóra até então, se distinguem Horacio, celebre poeta, incontestavelmente um dos melhores genios da antiguidade; Virgilio, principe dos poetas latinos, modelo do nosso insigne epico; Tito Livio, que, de mais perto que nenhum outro historiadador, segue a Salustio; Tibullo; Ovidio, algumas vezes muito diffuso em seus versos cheios de facilidade; e muitos outros ainda, igualmente perfectos pela forma de suas composições.

ANTONIO MARIA D'ALMEIDA NETTO.



Uma vista de Metz

Ausone, poeta latino do seculo IV, celebrou em verso as deliciosas margens do Mosella e a cidade de Metz, tal como existio no seu tempo. Esta antiga cidade depois de ter passado successivamente sob a dominação dos *médiomatrici* e dos *métis*, d'onde deriva o nome que tem, foi conquistada por Clovis. Após a morte d'este principe e em seguida ás partilhas dos estados entre os seus quatro filhos, ficou sendo a capital do

reino d'Austrasie. Em 840, Louis-le-Debonnaire ali falleceu e os seus restos mortaes foram encerrados na egreja de Santo Arnoult. No reinado de Othon II, Metz assim como Toul e Verdun separaram-se da França e uniram-se ás republicas das cidades allemãs, que estavam sob a protecção de imperadores. Foi n'esta época que a cidade de Metz brilhou com grande esplendor e gosou da maior prosperidade; esta prospe-

ridade, porém, só durou tres seculos — depois, decahió consideravelmente, e jámais pôde attingar a posição gloriosa a que se tinha elevado quando independente. A antiga Metz desapareceu quasi completamente no meio de numerosos estabelecimentos: ás ruas tortuosas e obscuras succederam-se ruas direitas e bem calçadas, — boulevards e passeios occupam o espaço de bairros tristes e doentios. N'uma palavra: esta cidade é uma das mais bellas de França. As suas magnificas fortificações, obra celebre de Vauban e de Belle-Isle, muitos e importantes monumentos, entre os quaes citaremos o arsenal, o hospital militar, a casa da camara e as egrejas, monumentos que são dignos de attenção e são visitados com interesse pelos viajantes.

Metz é a patria de muitos homens celebres, taes como Fabert, Custines, Lasalle, Sébastien Leclerc, Monby e o infeliz Pilâtre-des-Roziers, uma das primeiras victimas da sciencia aeronautica.

Voltaire disse algures, que, ao passar por Metz, ficára admirado de ver ali muitos pastelleiros e confeiteiros, e nem sequer um livreiro. Se o reparo do satyrico observador foi verdadeiro no seu tempo seria desmentido actualmente: esta cidade possui um grande numero de sociedades de sciencias, de artes e de agricultura.

A gravura representa um dos pontos de vista mais pittorescos de Metz. No primeiro plano vêem-se na margem do rio Mosella mulheres lavando roupa; mais atraz estão uns barcos de um genero de construcção muito original, e por cima das casas eleva-se magestosamente a cathedral, curioso monumento gothico.

Eis em resumo alguns permenores d'este monumento. Desde os primeiros tempos do christianismo existia em Metz uma igreja sob a invocação de Santo Estevão, padroeiro da diocese, construido por S. Clemente, primeiro bispo. Foi demolida em 750 e edificaram uma outra que subsistio até ao seculo XIII. N'esta época o bispo Thierry II lançou os fundamentos da que hoje existe, que só foi terminada em 1480. A fachada é notavel pelas suas bellas proporções e grande florão, ornado de magnificas esculpturas e de excellentes vidros: a architectura do resto do edificio é ao mesmo tempo nobre e graciosa, e pertence á época a mais estimada do estylo gothico. Uma torre, sobretudo, de 373 pés de altura, e que data de 1381, é admiravel pelos arabescos graciosos e ao mesmo tempo singelos que a decoram: é realmente uma obra prima que completa a delicadeza do desenho. A nave da igreja é assás vasta: trinta e quatro pilares, tendo cada um nove pés de diametro, sustentam as arcadas. N'uma palavra, esta cathedral, que pôde ser collocada no numero dos bons monumentos de França, passa incontestavelmente pela mais bella igreja de toda a Lorraine.

POETAS E PROSADORES

(Continuado do pag. 176)

O sr. Alfredo Campos é uma vocação verdadeira, mas que se ensaia ainda, que mal sabe para onde dirigir o incerto vôo, que sulca por alguns instantes o espaço azul, e pára, e muda o rumo, e prosegue de novo, que principia agora um modilho d'amor, doce echo das harmonias in-

timas, que logo balbucia um canto de descrença, que ora se diz morto para o mundo, ora, dando expansão ao ardor juvenil, exclama com entusiasmo.

Eu amo o baile, porque o baile é flores,
É crença, é vida, delirar, prazer!...
Eu amo o baile, porque é luz d'amores
Um baile ao menos... e depois morrer!

Vedere Napoli... Ainda lhe refulge ao longe no horisonte esta Parthenope encantada d'um baile, que não lhe agrada talvez tanto, senão porque lhe suppõe no seio um Vesuvio de paixões, e já diz nos versos intitutados *Ultima pagina*:

Foram-se as crenças da minha alma todas

Não foram, graças a Deus, e ainda entre ellas ha de encontrar algumas que lhe illuminem a poesia com magicos fulgores, e lhe alcancem para o futuro o nome prestigioso que espero que ha de ter.

Este volume vem precedido por um juizo critico do sr. dr. Pereira Caldas, que talvez seja um contrapeso demasiado para este livro tão ligeiro. Desenvolvendo uma erudição, que seria talvez mais bem cabida n'outro logar, mas que o leitor sempre acceita com agradecimento, anda talvez o sr. dr. Pereira Caldas com menos acerto: 1.º em afferir o merecimento do juvenil poeta pelos padrões de Costa e Silva, 2.º em querer que no talento balbuciante e ainda incerto do sr. Alfredo Campos se encontrem e se confundam os caracteristicos das cinco escolas em que o auctor do *Ensaio biographico-critico* divide a litteratura portugueza.

Permittam-me os leitores n'este ponto uma ligeira digressão; como Costa e Silva goza d'uma certa nomeada, será bom que vejâmos só n'esta divisão quaes eram os quilates da sua critica, e os seus conhecimentos em historia litteraria.

A 1.ª escola chama-a elle gallega ou dos *trovadores*; abrange os poetas dos seculos incultos da idade media, e tem por vulto dominante Gil Vicente! Não podia escolher melhor; um dos dois iniciadores do theatro na peninsula, filiado na escola litteraria que não conheceu nunca o drama!

A 2.ª é a italiana, dá-lhe Costa e Silva por caracteristico, entre outros, *mais juizo do que imaginação*. O chefe e o modelo da litteratura da Italia n'essa época era o auctor do *Orlando furioso*; era o Ariosto que estremeceu no tumulto de espanto ao saber que fundara uma escola onde o juizo predominava sobre os livres devaneios da phantasia.

A 3.ª é a hespanhola; hespanhola porque? Por causa de Gongora, cujas extravagancias deram o tom aos seiscentistas peninsulares. Mas porque não ha de ser tambem italiana? Marini é contemporaneo de Gongora, e quando os basbaques de Madrid se extasiavam com as agudezas do *Polyphemo*, extasiavam-se os basbaques de Paris, onde o illustre *cavalier* fôra recebido em triumpho,

com os *concelli* do *Adonis*. *Concelli*, o proprio nome indica a origem d'essas agudezas tão applaudidas; foi na Italia que nasceram, foram ellas que eivaram em muitos pontos os escriptos do *Tas.o*, e que tornaram insupportaveis os versos italianos de Sannazaro, aliás tão celebre e tão digno de ser celebrado pelas suas composições latinas.

4.^a A escola latina ou da Arcadia, e 3.^a a escola franceza, a que no tempo de D. João V pertenceu, diz Costa e Silva, o conde da Ericeira provavelmente porque traduziu Boileau. A escola latina queria regenerar o gosto retemperando-o na fonte pura dos classicos romanos; ora era isso mesmo o que recommendava Boileau, era o que todos os grandes poetas do seculo de Luiz XIV praticavam, o que Voltaire continuava a fazer, e aquillo em que Labarpe ainda insistia. Então, se a escola franceza em França era latina, como havia em Portugal uma escola franceza, e outra latina? *Mysterio*.

Mas o melhor vem a ser o seguinte, Costa e Silva descreve os caracteristicos da escola franceza:

Linguagem moderna, mas pura; pouca erudição, pouca imaginação e menos invenção ainda; elegancia continua, estylo claro e simples, e optima versificação eis aqui as prendas mais notaveis dos poetas da escola franceza, entre os quaes não tem igual Bocage.

Apague! que esta é de fazer tremer os céus e a terra. — Caracteristico da escola franceza: pouca imaginação. — *Exemplo*: Bocage, a imaginação mais opulenta que Portugal tem produzido. Deus perdoe lá no céu ao Costa e Silva os seus peccados litterarios, porque me consta que na terra foi uma excellente pessoa.

Parece-me pois que o sr. Pereira Caldas devia deixar em paz o bom José Maria da Costa e Silva, e principalmente não carregar o juvenil poeta que apresenta com a responsabilidade tremenda de ter nos seus versos os traços capitaes das nossas cinco escolas.

(Continúa)

M. PINHEIRO CHAGAS.

NICOLÃO MACHIAVEL

Estudo litterario, moral e politico

Questo é il gran segretario fiorentino, Niccolò Machiavelli, un uomo dei più grandi che l'Italia, tanto ferace di sublimi ingegni, abbia mai prodotti.

PIGNOTTI.

(Continuado de pag. 175)

X

Tive grande curiosidade de conhecer o juizo que Cesar Cantu, o auctor da *Historia Universal*, e da *Historia dos Italianos*, formava da *Historia de Florença*, escripta por Machiavel.

Cantu depois de mencionar alguns historiadores italianos do seculo XVI, exprime-se nos seguintes termos: = A historia necessitava ainda de dar um grande passo, qual era o de passar

das impressões individuaes, e dos factos sóltos, para a acção geral; dos homens em separado, para as forças politicas, para o accôrdo dos elementos sociaes. Para este caminho foi ella dirigida por Nicoláo Machiavel, o qual, no quadro de que fez preceder as *Historias Florentinas* (incompleto e defeituoso como é), fita os olhos nas causas remotas dos acontecimentos, despreza miudezas de pouca importancia, e demóra-se nos pontos culminantes. Observador pouco profundo, mas rico de senso prático para apreciar a utilidade dos factos, homem de Estado activo e de meditação, grande diplomata e grande escriptor, não dá uma importancia proporcionada a todos os elementos da vida social; muito a furto e de corrida apparecem as bellas artes e a litteratura, essa gloria da patria, no meio do embate das armas e dos enrêdos dos gabinêtes. A lucidez, a brevidade, a força, são as qualidades constantes do seu estylo: méritos tanto mais louváveis, quanto eram raros no seu tempo. No demais, caminha sem arte, sem reminiscencias classicas, e a tal ponto que se suppõe que ignorava o latim; até os períodos, como Machiavel não punha a mira senão na força, são muitas vezes côchos. =

No meio da severidade d'esta apreciação avultam grandes louvores, tecidos ao talento e á obra de Machiavel; e não é de desprezar a imparcialidade de Cesar Cantu, por isso mesmo que este escriptor, profundamente influenciado por melindrosas prevenções, lavrou a seguinte, pelo menos singular, condemnação: = «Por nossa parte, confessando aliás que Machiavel e Guicciardini contribuíram immensamente para desenvolver a nova sciencia politica, consideramol-os como um escandalo na litteratura christã, e atiramos com elles para o mundo pagão.» = (1)

Artaud, porém, não menos decidido defensor do catholicismo e do papado, do que Cesar Cantu; Artaud, que mais profundamente do que aquelle estudou os escriptos de Machiavel; Artaud, digo, paga mais desassombradamente o tributo de louvor que o mesmo Machiavel mercede pela composição das *Historias Florentinas*.

A obra historica de Machiavel, embora só relativa a Florença, interessa a todas as partes da Italia; e assim succede, que os habitantes da peninsula italiana a présam em summo gráo. Eis aqui as qualidades brilhantes que pela maior parte são reconhecidas n'aquella obra: vigor de idéa, pureza e dignidade da dicção, respeito para com a religião, apropriação escrupulosa dos geitos da linguagem que a cada protogonista cabe-erudição, imaginação, eloquencia, traços inesperados, felizes reminiscencias de Tacito e de Tito Livio, elegancia italiana — a mais harmoniosa; e a par de tudo isto um estylo brilhante, expressão altiva na exposição dos factos, cuidado de sustentar sempre o interesse, distribuição justa e generosa do louvor, da censura.

O mesmo Artaud cita, em abono do valor historico da obra de Machiavel, o testemunho authorisado do grande Alfieri; e muito curioso é esse testemunho. — Alfieri possuía uma formosa edição do *Ammirato* (*Istorie-Florentine di Scipione Ammirato*. Florença. 1541), e n'esse livro lançou

(1) *Hist. Univ.* par César Cantu, trad. franc. Paris 1862, tomo 14.^o

uma nota, que faz a maior honra a Machiavel. — Ammirato, tratando o mesmo assumpto que Machiavel, embora fôsse mais adiante do que elle em quanto aos annos, não poupa o seu antecessor; antes, com mal disfarçado ciúme, o argúe de ter alterado os factos, e de haver seguido a imaginação, em vez de ser exacto e bem ordenado na exposição. *In somma (Machiavelli) scambia gli anni, muta i nomi, altera e fatti, confonde le cause, accresce, aggiugne, toglie, dsminuisce, e fa tutto quel che gli torna in fantasia, senza freno, o ritegno di legge alcuna, etc.* — À margem da pagina, onde começa esta verrina, escreveu Alfieri: *Vedi nota a carta 534.* — Neste logar escreveu o grande poeta, com a sua propria letra, uma rectificação do que dizia Ammirato a respeito de Garzia. Ammirato asseverava que Garzia morrêra de doença em 1562, — quando aliás foi este assassinado por seu proprio pae Cosme, enfurecido porque o Garzia assassinára seu proprio irmão. — Seguidamente escreveu Alfieri estas vehementes palavras: *Signor Ammirato, quando si è prete, italiano, schiavo, e vigliaccho, non se scrive istorie... e molto meno si taccia Machiavelli come fai a carta 96 di questo volume 3, di esser poco verace; vil verme osi tu non che parlare, pur rimirar lo Leone!* — Como se dissesse: Quando alguém é padre, italiano, escravo, e velhaco, não escreve a historia... e muito menos accusa de não verídico a Machiavel, como tu fazes a pag. 96 d'este volume terceiro. Vil verme! ousas tu, não digo fallar, mas olhar seqüer para o leão? — (2)

— Se um tão caloroso testemunho a favor do talento e obra de Machiavel, da parte de um italiano tal como Alfieri, é por extremo significativo, e deixa no animo uma impressão viva e indelével; não é menos importante o juizo que Lord Macaulay, desinteressado emquanto á nacionalidade, expressa a respeito das *Historias Florentinas*. Lord Macaulay foi, não só um historiadador de primeira ordem, senão tambem um litterato muito distincto. O seu illustre nome hade passar á posteridade, como sendo o de um dos maiores talentos que a Inglaterra tem produzido n'estes nossos tempos. Grandemente é apreciada a sua fina critica; e não será desagradavel aos leitores encontrarem aqui o juizo que elle formou da *Historia de Florença* escripta por Machiavel.

Observa Lord Macaulay que a ultima grande obra do illustre Machiavel foi a historia da cidade em que nascêra, a *Historia de Florença*. Foi escripta por ordem do papa Clemente VII (*antedentemente cardeal Julio de Medicis*), o qual, como cabeça da familia dos Medicis, era então o soberano de Florença. No entanto, e apesar d'esta circumstancia, de tamanha influencia e peso, julgou Machiavel os membros d'aquella familia, Cosme, Pedro, e Lourenço, com isenção e imparcialidade taes, que simultâneamente fazem honra ao escriptor e ao seu patrono. As misérias e as humilhações da dependencia, o pão que em tal conjunctura é mais amargo do que outro qualquer alimento, a escada que é mais penoso subir que outra qualquer... não tinham acobrunhado Machiavel; ao passo que o pôsto corruptor, e em uma profissão corruptora, não havia pervertido o nobre coração de Clemente VII.

(2) *Machiavel, son génie et ses erreurs*, par A. F. Artaud. Tomo 2.º, pag. 171 a 174.

Depois de traçar este magnifico elogio a Machiavel e a Clemente VII (elogio bem merecido, como terêmos occasião de ver), diz Lord Macaulay que a *Historia de Florença* não dá mostras de ser fructo de muito trabalho e investigações; carêce essencialmente de exacção; mas é elegante, animada, e pittorêscas, muito mais do que outra qualquer em italiano. O leitor bébe nas *Historias Florentinas* uma impressão mais facil e mais viva, do que nas narrações mais correctas. O facto é que um tal livro pertence antes á litteratura antiga, do que á litteratura moderna: é escripta no género, não de Davila e de Clarendon, mas sim de Herodoto e de Tacito.

Neste caminho demôra-se Lord Macaulay em assignalar a differença que, no seu modo de encarar as cousas, encontra entre as historias classicas e as historias modernas. Talvez possa dizer-se que as historias classicas são uns romances baseados em factos. Sem duvida a narração é strictamente verdadeira em todos os pontos principaes; mas os numerosos incidentes míudos, os ditos, os géstos, o olhar, são evidentemente devidos á imaginação do auctor. Em nossos dias ségüe-se differente theor de procedimento: o escriptor apresenta uma exposição mais exacta. Mas quem sabe, se por este facto recebe o leitor noções mais exactas! Os melhores retratos são por ventura aquelles, em que ha um léve toque de caricatura, — e acaso tambem serão melhores as historias, nas quaes se emprêga discretamente um tanto do exaggerado da ficção. Haverá por certo menos de exactidão; mas o effeito produzido hade augmentar. De ordinário não tomamos nota das linhas secundarias; mas os grandes traços característicos gravam-se para sempre no espirito.

Lord Macaulay termina dizendo, que a *Historia de Florença* acaba precisamente no ponto em que cessa de viver Lourenço de Medicis. Machiavel parece que tinha o intento de proseguir na sua narração; mas a morte lhe embargou a realisação do seu projecto, — cabendo a Guicciardini a triste tarefa de contar as calamidades e a vergonha da Italia. (3)

— Este ultimo enunciado de Lord Macaulay demanda esclarecimento.

As *Historias Florentinas* compõem se de oito livros, e abrangem o espaço de tempo que decorre desde o reinado do imperador Theodósia (379) até ao anno de 1492, em que falleceu Lourenço de Medicis. — Eis aqui as ultimas expressões da obra de Machiavel: = «A Italia, em sendo privada dos conselhos de Lourenço, mais não pôde saciar, nem refrear a ambição de Frederico Sforza, mestre do duque de Milão. Assim succedeu, que logo depois da morte de Lourenço começaram a apparecer as ruins sementes, que dentro em pouco tempo (já não era vivo aquelle que as tinha podido destruir) arruináram e arruinam ainda a Italia.» =

— No artigo immediato verêmos algumas passagens notaveis das *Historias Florentinas*, que ainda não tivêmos occasião de apresentar aos nossos leitores.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

(3) *Essais politiques et philosophiques*, par Lord Macaulay, trad. par M. G. Guizot.